



Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Being young, female, and black: intersections and identity

Gabriela Borba Bispo dos Santos¹

Victor Hugo Nedel Oliveira²

Resumo: As pesquisas acerca das juventudes, das questões de gênero e das questões raciais são muito importantes, pois conseguimos entender como as jovens mulheres se manifestam socialmente, além dos desafios que parte delas enfrentam sendo negras. A presente investigação buscou analisar os impactos das condições de ser mulher, negra e jovem de duas estudantes brasileiras. Como instrumento metodológico, foram feitas entrevistas estruturadas, tendo aproximadamente 1h de duração com as participantes. Como resultados, foi percebido que o racismo vivenciado pelas jovens participantes se deu no ambiente educacional, bem como nos faz refletir que esses espaços ainda não têm preparação suficiente para enfrentar os preconceitos raciais que ainda acontecem. Dessa forma, a investigação contribuiu significativamente para as três áreas pesquisadas, além de permitir novas dimensões a serem investigadas.

Palavras-chave: Jovens. Mulheres. Juventudes. Feminismo. Etnia.

Abstract: Research on youth, gender and racial issues is very important, as we can understand how young women express themselves socially, in addition to the challenges that some of them face as black women. This investigation sought to analyze the impacts of the conditions of being a woman, black and young on two Brazilian students. As a methodological instrument, structured interviews were carried out, lasting approximately 1 hour, with the participants. As a result, it was noticed that the racism experienced by the young participants occurred in the educational environment, as well as making us reflect that these spaces do not yet have sufficient preparation to face the racial prejudices that still occur. In this way, the investigation contributed significantly to the three areas researched, in addition to allowing new dimensions to be investigated.

Keywords: Young people. Women. Youth. Feminism. Ethnicity.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. ORCID: [0000-0002-1070-2976](https://orcid.org/0000-0002-1070-2976). E-mail: gabrielasantos1996@hotmail.com.

² Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor Adjunto e Pesquisador do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do GEPJUVE – Grupo de Estudos e Pesquisas em Juventudes e Educação. ORCID: [0000-0001-5624-8476](https://orcid.org/0000-0001-5624-8476). E-mail: victor.nedel@ufrgs.br.



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

Introdução

Os estudos acerca da temática das juventudes têm recebido grande reconhecimento no campo acadêmico, buscando compreender e analisar as vivências juvenis na sociedade contemporânea. Esse entendimento é essencial para percebermos como os jovens se expressam de maneira única e estabelecem vínculos de pertencimento com as pessoas e lugares que lhes são significativos, demarcando, assim, um universo de redes de sociabilidades e territórios. A diversidade é um elemento indispensável nesse contexto, visto que cada jovem manifesta sua identidade de maneira distinta, contribuindo para a riqueza e a complexidade das culturas juvenis. Por outro lado, ser jovem negro no Brasil é um desafio na medida em que fazemos parte de um sistema racista e excludente que permeia as diversas esferas da sociedade. Para esses jovens, o acesso à educação e ao mercado de trabalho é limitado em razão dos preconceitos. Gonzalez (2020, p. 45) assinala essa afirmação quando diz que:

Em um país onde, em termos de mercado de trabalho, a procura é maior do que a oferta e onde existe uma divisão racial do trabalho, a situação da juventude negra é, obviamente, a do setor mais atingido pelo desemprego aberto ou disfarçado. Graças ao racismo e às suas práticas, essa juventude se encontra numa situação de desvantagem em termos de educação, de trabalho e até mesmo de lazer.

As discriminações estruturais acentuam as desigualdades e o acesso a espaços para esses indivíduos e, nesse cenário, as políticas públicas têm um papel essencial na promoção da igualdade racial e no combate ao racismo estrutural e da necropolítica (Mbembe, 2018) que, infelizmente, vitima jovens negros, em sua maioria do gênero masculino no país (Lemos *et al*, 2017). Essas políticas são relevantes na medida que asseguram o acesso igualitário à uma educação de qualidade, oportunidades de emprego, o direito à saúde, bem como possibilita a representatividade desses sujeitos em diversos espaços e ocupações.

O movimento feminista, por sua vez, fortalece as discussões de gênero na medida que traz todo um aparato histórico acerca das mulheres, bem como promove o empoderamento e a sororidade feminina. Apesar de apresentar diferentes demandas ao longo do tempo, o plano de fundo da luta feminista sempre foi a luta contra a opressão



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

patriarcal. Entre tantas mudanças e variedades de pensamento que surgiram dentro do feminismo, o surgimento do feminismo negro foi um dos maiores acontecimentos, visto que as questões raciais não eram uma pauta em discussão nos primórdios do movimento. Diante disso, Hooks (2020) nos diz que:

Era o silêncio do oprimido: aquele profundo silêncio engendrado de resignação e aceitação perante seu destino. Não era possível para mulheres negras contemporâneas se juntarem para lutar pelos direitos das mulheres, porque não víamos 'mulheridade' como aspecto importante da nossa identidade. A socialização racista e sexista nos condicionou a desvalorizar nossa condição de mulher e a considerar raça como o único rótulo relevante de identificação.

Dessa maneira, percebemos que as mulheres negras tiveram dificuldade de inserir-se no movimento em razão dos olhares sexistas e racistas que as faziam entender que ser mulher não era o foco principal de sua identidade, mas sim a raça. Souza *et al* (2021) afirma que o sexismo e racismo são indissociáveis na vida das mulheres negras, promovendo, infelizmente, muitas limitações em diferentes setores de suas vidas.

A temática das questões raciais é muito significativa, pois nos faz refletir e entender como os preconceitos e as desigualdades afetam negativamente a população negra de modo global. Dessa forma, a luta contra o racismo é de ordem coletiva e exige medidas que visem a igualdade e a justiça social. Nos desdobramentos da história do Brasil, a eugenia teve um impacto muito forte na sociedade brasileira. Como coloca Rocha (2010), a eugenia consistiu no melhoramento da espécie humana em termos de raça, e no Brasil, um país com muita miscigenação, acreditava-se que a sociedade tinha que passar por um processo de embranquecimento, onde a imigração europeia tinha um papel fulcral neste processo. As doutrinas eugênicas no Brasil não tiveram êxito quanto ao embranquecimento da população, mas tiveram sucesso em perpetuar a aversão ao povo negro. Um dos maiores nomes da Literatura Brasileira, Machado de Assis, foi vítima desse movimento que aconteceu no país, pois ao observarmos suas fotografias, percebemos que a tonalidade de sua cor foi alterada, pois ele era um homem negro e as imagens por muito tempo não demonstravam isso.

Por outro lado, a representatividade de pessoas negras em diversos espaços de destaque é muito significativa, visto que é uma forma de evidenciar a justiça social, assim



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

como inspira outros indivíduos negros a ocuparem posições de influência na sociedade. Silva & Euclides (2018, p. 51) afirmam que: “Quando uma mulher negra ocupa um espaço público como a universidade – até então com predominância de pessoas brancas, sejam homens sejam mulheres –, desperta o desejo e a motivação para as demais também ingressarem nesse espaço”. Portanto, percebemos o quanto a representatividade é um instrumento poderoso para que as demais pessoas negras olhem para si mesmas e digam: ‘eu também posso’. Além disso, a representatividade também permite a quebra de estereótipos negativos acerca das características e traços negros.

A presente investigação buscou analisar os impactos das condições de ser jovem, mulher e negra a partir da perspectiva de duas estudantes negras de uma universidade pública do Sul do país a fim de entender os desafios que emergem desta intersecção, destacando alguns aspectos que contribuirão para uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres negras.

Referencial Teórico

Podemos entender as juventudes como uma construção social, portanto, varia de época e contexto. Atualmente, para a UNESCO (2004), as juventudes definem-se pela classificação etária, que é entre 15 e 24 anos, sendo este período considerado uma etapa de formação para a vida adulta, onde ocorrem diversas transformações e a ocupação nas instituições de ensino ou no mercado de trabalho; no Brasil, conforme o *Estatuto da Juventude* (Brasil, 2013), esta classificação etária se estende, pois são classificados jovens indivíduos entre os 15 e 29 anos³.

Como construção social, as juventudes existem de diferentes modos de ser e estar na sociedade contemporânea, e a maneira como se manifestam ou simplesmente deixam sua marca por onde transitam, é um compilado heterogêneo (Vieira, 2022). Nessa

³ Em outras realidades, a faixa etária que compreende as juventudes varia. Para a ONU, a classificação inclui os indivíduos que tem entre 10 e 24 anos (ONU, 2015). No México, engloba os sujeitos que compreendem a idade entre os 12 e 29 anos (IMJUVE, 2014). Na Colômbia, a idade para juventude abrange dos 14 aos 28 anos (Colômbia, 2013).



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

perspectiva, Pais (2003, p. 98) corrobora com a discussão quando versa que “[...] a juventude deve ser olhada não apenas na sua aparente unidade, mas também na sua diversidade”, pois não há “um único conceito de juventude, que possa envolver todos os campos semânticos que a ela estão associados”. Desta forma, novamente é reforçado a heterogeneidade presente entre os jovens, pois existe um universo de características, experiências e perspectivas distintas entre eles e por isso não podemos padronizá-los.

O feminismo negro, por sua vez, lança luz sobre a questão racial, que durante muito tempo foi negligenciado dentro deste movimento feminista e, com isso, surgiram muitas autoras que vão discorrer justamente sobre a necessidade de se pensar essa pauta. Gonzalez (2020, p. 141) nos diz que:

Exatamente porque tanto o sexismo como o racismo partem de *diferenças biológicas* para se estabelecerem como ideologias de dominação. Surge, portanto, a pergunta: como podemos explicar esse ‘esquecimento’ por parte do feminismo? A resposta, em nossa opinião, está no que alguns cientistas sociais caracterizam como *racismo por omissão* e cujas raízes, dizemos, estão em uma visão de mundo eurocêntrica e neocolonialista.

Em síntese, o preconceito sexista e racial é interligado e surgiu a partir das diferenças biológicas entre os indivíduos, tornando-se uma poderosa ideologia de dominação que promove a desigualdade e a opressão de mulheres e homens negros (Carneiro, 2019). Nos primórdios do movimento feminista não era contemplado as discussões acerca de raça e etnia, visto que o eurocentrismo estava latente entre as sujeitas e, infelizmente, acabou prolongando a desigualdade política, econômica e social das mulheres negras, assim como contribuiu também para o silenciamento de suas vozes e de seu protagonismo (Davis, 2016). Por outro lado, Hooks (2018) versa sobre a necessidade de desenvolver a sororidade completa entre as mulheres, visando a empatia, a solidariedade e a união entre elas, possibilitando uma sociedade mais igualitária.

A questão racial no Brasil perpassa todas as instâncias de nossa sociedade, não cabendo isolar esta problemática em um bloco limitado de perspectivas, muito menos individualizando a questão. Entender o domínio estrutural do racismo demanda um olhar mais profundo. Em relação a isso, diz Almeida (2018, p. 38):



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

Então, o racismo é algo atrelado a cultura, e não é considerado uma patologia – algo anormal – por justamente estar normalizado, ou mesmo naturalizado, nas relações sociais, de maneira que sua presença não é contestada e percebida, mas simplesmente aceita e reproduzida. Diante disso, no Brasil, o estabelecimento dos movimentos sociais negros foi muito relevante na medida que atuou na luta contra a segregação racial no país, apontando o racismo na sociedade, resgatando e fortificando a cultura afro-brasileira e promovendo a inserção das políticas de ações afirmativas. Isso tudo acarretou o aumento da presença de pessoas negras nas universidades, organizações públicas e outros espaços onde os negros não eram vistos. No caso do termo raça, Gomes (2012) fala que:

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial.

Desse modo, a raça passa a ter importância central na luta negra. Politizá-la permitiu constituí-la como fonte de identidade, que por muito tempo foi apagada e hostilizada. A democracia racial, por sua vez, imperou e ainda se faz significativamente presente sobre a sociedade brasileira, de modo a transparecer nas relações raciais de nossa sociedade um ar de igualdade, como se a miscigenação anulasse os problemas raciais, ou que estes fossem pouco significativos para as relações sociais. É uma ideologia que fomenta uma suposta igualdade em razão da miscigenação, mas que acaba prejudicando a população negra na medida em que, negar as desigualdades raciais, é deixar de intervir sobre um problema do racismo no Brasil. É justamente contra essa ideologia que ainda permeia nosso país que a ressignificação da ideia de raça se mostra eficaz, pois luta contra o apagamento dos negros.

Metodologia



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

O presente trabalho se valeu de uma abordagem qualitativa. Também se trata de uma pesquisa exploratória que possibilita uma maior proximidade com o problema, visando evidenciá-lo ou definir hipóteses. Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa também se comportou como um estudo de caso, o qual envolveu uma análise profunda de alguns objetos de maneira que se permitiu o seu amplo e detalhado conhecimento (Gil, 1999). Neste estudo foram desenvolvidas entrevistas estruturadas com um grupo de indivíduos (Dencker, 2000).

A pesquisa foi realizada em uma universidade pública localizada na região Sul do Brasil, bem como as participantes foram as jovens mulheres negras estudantes da referida instituição. Como instrumento de coleta de dados, a pesquisa se valeu de entrevistas estruturadas, as quais tiveram uma duração de aproximadamente 1h, com as sujeitas da pesquisa. A entrevista, define Gil (2008), é uma “[...] técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação”. Nesta pesquisa, a entrevista serviu como forma de captar, através das falas das participantes, relatos de suas experiências pessoais ou suas expectativas referentes ao tema de estudo, além de opiniões, observações e críticas.

Quanto à análise dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo (Bardin, 1977), a partir da organização das entrevistas, e posteriormente a codificação e categorização delas. Após a realização das entrevistas, foram feitas suas respectivas transcrições e em seguida a confecção da análise dos dados, isto é, foi selecionado as falas mais marcantes de cada entrevistada e foi elaborada uma nuvem de palavras, bem como foram trazidas algumas contribuições de alguns autores que abordavam os assuntos debatidos.

Quanto aos cuidados éticos, o presente artigo cumpriu todos os requisitos que atende à resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a instituição assinou o Termo de Anuência (TA) para a realização desta pesquisa. As sujeitas participantes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) antes da entrevista. Para assegurar a privacidade e confidencialidade das participantes, foi



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

trocado os seus nomes verdadeiros para o de algumas mulheres negras que foram importantes ao longo da história do Brasil.

Resultados

Após concluídas as entrevistas, foi apresentado um material na qual as jovens puderam escolher qual mulher negra importante no país seria sua representação neste estudo. A primeira entrevistada, escolheu Aqualtune; já a segunda, optou pela Tereza de Benguela. Do ponto de vista da caracterização delas, respectivamente, as participantes têm 26 e 27 anos, ambas residem na mesma cidade e não trabalham fora do ambiente universitário por participarem de bolsas que são de dedicação exclusiva na instituição em que estudam.

A partir do questionamento “para você, o que é ser jovem?”, verificou-se que as entrevistadas trouxeram elementos que vão ao encontro da fala uma da outra, demonstrando que essa etapa que estão vivenciando apresenta experiências e pensamentos comuns, assim como levantaram as diferentes maneiras de ser jovem no mundo contemporâneo. A seguir, será apresentado uma nuvem de palavras que consiste em destacar os termos mais frequentes na fala das estudantes a partir do tamanho que eles se apresentam.

Figura 1 – Nuvem de palavras



Organização: os autores (2023), Elaboração: Voyant Tools (2023).

Desta maneira, identificamos que as palavras “jovem”, “vida”, “descobertas” e “graduação” surgem como os principais pontos abordados pelas jovens participantes.



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

Esses termos nos levam a refletir que ser jovem além de ser um período da vida, também é um momento em que se faz descobertas de modo geral, seja sob a percepção de si mesmo no mundo, seja nos relacionamentos amorosos, seja entre as suas amizades e com os seus familiares também, indo ao encontro do que Oliveira (2015) apontou em sua dissertação quando afirma que ser jovem engloba diferentes identidades, além dos laços afetivos e de pertencimento com as pessoas e com os lugares que os jovens gostam de estar. Nesse viés de descobertas, também emerge a questão das dúvidas e das inseguranças, pois nem sempre há certezas ou garantias do que pode acontecer na vida desses jovens. A graduação, por sua vez, aparece relacionada com a importância que o estudo tem nos desdobramentos da vida dos jovens, pois é uma possibilidade para que continuem seus estudos e, posteriormente, consigam oportunidades de se inserir no mercado de trabalho. A palavra “aprender”, embora seja menos expressiva que as anteriores, também se faz relevante na medida que se relaciona diretamente com as outras dimensões discutidas, bem como uma das falas das entrevistadas assinala essa ideia:

Ser jovem é se sentir com energia, com vontade de fazer as coisas, com vontade de aprender e aberto pro mundo, não estar fechado, nem ranzinza, nem, tipo, sabendo que sabe, pensando que sabe tudo, mas, sim, disposto a aprender. Pra mim é isso (Tereza de Benguela).

A partir desse trecho, é reforçado o quanto aprender é uma ação que dialoga com as outras expressões, principalmente, quando nos possibilita entender que o aprendizado também motiva os jovens estarem dispostos para fazer as coisas, assim como para descobri-las e explorá-las. Estar aberto para o mundo é permitir-se aprender e experienciar diversas possibilidades que surgem, assim como é importante ter a consciência de que não sabemos tudo, pois o aprendizado é constante e dinâmico.

Por outro lado, existem diferentes modos de ser jovem na sociedade em que vivemos e isso evidencia a heterogeneidade das juventudes contemporâneas. Ao manifestarem-se de maneira distinta, os jovens criam laços de pertencimento e de identidade com os espaços que frequentam e com os outros sujeitos, deixando sua marca por onde transitam. A heterogeneidade também pode ser analisada sob o olhar dos



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

acessos que esses jovens possuem e/ou não possuem, dado que um jovem com alto poder aquisitivo tem muitas oportunidades que os permitem consumir eventos culturais, ter uma educação de qualidade, assim como o acesso a saúde; já um jovem com baixo poder aquisitivo, infelizmente, não desfruta dos mesmos direitos. Diante disso, Moura & Gomes (2022) concordam com as afirmações anteriores quando ressaltam que é impossível padronizar a juventude, visto que suas realidades são plurais e isso reflete nas oportunidades que surgirem. Nesse sentido, as entrevistadas trazem para discussão duas vertentes que se complementam acerca das diferentes performatividades juvenis quando dizem que:

[...] está dentro do ser jovem ter uma vida socialmente ativa. Não digo que, assim, só vai para festas e bares, mas eventos que tu também faz em casa com os amigos ou até os encontros online. Durante a pandemia, por exemplo, eu e meus amigos, nós nos ligávamos ali no nosso grupo no *WhatsApp*, e nós conversávamos. Claro, não foi um encontro presencial, mas foi um encontro que a gente conseguiu fazer (Aqaltune).

[...] ser jovem é estar atento ao que tá acontecendo, participar de movimentos sociais, culturais, e realmente tá aberto pro mundo (Tereza de Benguela).

Dessa forma, observamos que a vida social dos jovens envolve programas distintos nos quais a presença dos amigos se faz presente, ainda que no período da pandemia da COVID-19 às suas presenças fossem somente virtuais, concordando com o que Oliveira & Santos (2021) afirmaram em seu trabalho. A participação nos diferentes movimentos sociais e culturais também demarca a heterogeneidade juvenil, uma vez que demonstra que os jovens têm um papel ativo na sociedade e isso lhes permite estarem abertos para promoverem mudanças interpessoais e intrapessoais e, sobretudo, para a comunidade.

Ao perguntar “quais são os desafios de ser uma estudante mulher no seu curso (segundo dados da Universidade, apenas 35% dos estudantes desse curso são mulheres)?”, as jovens participantes levantaram questões que se aproximam em suas vivências e outras que se distanciam no sentido da abordagem que elas escolheram, indicando que os desafios de ser uma estudante universitária mulher são múltiplos e merecem atenção. Um dos primeiros pontos levantados pelas participantes se deu a partir de uma nuance acerca das questões sociais e institucionais ao longo de suas



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

trajetórias, nos fazendo refletir que alguns dos obstáculos, como a maternidade, faz com que as mulheres tenham dificuldades para conseguirem acessar os espaços educacionais e ao mercado de trabalho. Ao analisar seus relatos nas entrevistas, é possível entendermos que a reprodução do machismo existente na nossa sociedade coloca as mulheres num patamar de inferioridade, assim como elas não detém os mesmos privilégios. Historicamente, as mulheres tiveram que lutar para conquistar os espaços, os acessos e os seus direitos para que as diversas oportunidades fossem mais igualitárias. As responsabilidades domésticas, por sua vez, quase sempre recaem sob as mulheres, afetando os outros setores das suas vidas; os homens, por outro lado, não são tão cobrados em relação a esse quesito e por isso podem demonstrar uma maior produtividade ou desempenho no ambiente escolar e no trabalho, como a segunda entrevistada abordou ao longo da sua fala.

Outro ponto relevante abordado nas entrevistas é a falta de voz e de representatividade das mulheres no ambiente acadêmico, no trabalho e em posições de liderança. Mais uma vez, o machismo contribui para que as mulheres não sejam ouvidas num *lócus* onde é predominantemente masculino ou liderado por esses mesmos atores. A falta de representatividade é um dos fatores que também colabora para que as mulheres sejam de certa forma silenciadas ou não levadas a sério, contudo, é importante termos a consciência de que essas ações não acontecem em todos os lugares e da mesma maneira. Diante do que versamos, as participantes da pesquisa colocam que:

Eu acho que por sermos minoria dentro do curso, eu acho que isso impulsiona a gente a mostrar a nossa voz, mostrar que nós também temos algo para contribuir, nós também pensamos, nós também temos posicionamentos, e às vezes, por ser uma questão estrutural, os nossos colegas, claro, tem alguns colegas, enfim, por N razões são machistas com nós colegas, mas às vezes por ser uma questão estrutural eles acabam reproduzindo coisas que acaba nos oprimindo durante as falas ali na sala de aula, até às vezes em algum outro grupo que participe, projeto de pesquisa, enfim, o que faz ali. Então às vezes eu acho que um dos principais desafios é: como que eu vou ter a minha voz escutada? Como que eu vou demonstrar que o que eu falo também é importante? (Aqualtune).

Cara, eu vejo assim muito no mercado de trabalho, não no curso. Mas no mercado de trabalho, por exemplo, eu trabalhei numa empresa privada já e o que eu percebi é que os maiores cargos sempre eram pros homens. Tipo, todos os chefes eram homens, apesar de ter mulheres na equipe... e também, tipo,



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

todas as questões de tecnologias eram sempre valorizadas, tipo, como se a opinião masculina fosse melhor, sendo que eu tinha uma colega que ela sabia tudo, mas mesmo quando ela falava alguma coisa, nunca era escutada (Tereza de Benguela).

Diante desse cenário, visualizamos que em ambos os argumentos as desigualdades de gênero aparecem muito forte no ambiente acadêmico e empresarial. Sendo assim, Oliveira (2023) contribui para o debate quando explica o que é o conceito de *manterrupting*⁴, o qual é uma ação em que um homem interrompe ou fala por cima de uma mulher enquanto ela argumenta, desvalorizando suas contribuições e atrapalha sua linha de raciocínio. Apesar de ter diferentes problemas que contribuem para que aconteça o que foi visto anteriormente, a falta de representatividade das mulheres em posição de liderança é um fator que, novamente, reforça o machismo estrutural na medida que os maiores cargos são ocupados somente por homens. Dessa maneira, mesmo ingressando nesse ambiente e tendo qualificação suficiente para realizar o seu trabalho, as mulheres não são ouvidas ou levadas a sério justamente por serem do gênero feminino. Outro conceito que Oliveira (2023) aborda no seu trabalho e corrobora também com o que foi dito anteriormente é o *mansplaining*,⁵ ele acontece quando um homem expõe algo de maneira óbvia para uma mulher em uma temática em que ela domina e possui experiência, desvalorizando sua inteligência perante a outras pessoas e a ela mesma.

Através da indagação “você acredita que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras? Por quê?”, reparou-se que as jovens participantes elencaram elementos que se complementam, confirmando que esse movimento teve uma influência positiva nas suas trajetórias, bem como emergiu alguns pontos sobre o movimento feminista e as disparidades entre as mulheres. As entrevistadas relatam que:

Eu não conhecia o feminismo negro. Eu conheci depois que eu entrei nesta universidade. Na universidade particular nunca tinha ouvido falar dessas pautas. E pra mim foi muito importante, principalmente a questão de ler mulheres negras, porque eu acho que é uma onda meio recente. Eu acho que o feminismo negro talvez sempre ficou um pouco mais na universidade, na

⁴ *Man* = Homem, *interrupting* = interrompendo [tradução nossa].

⁵ *Man* = Homem, *splaining* = explicando [tradução nossa].



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

academia. Ele não tá tanto na escola. Talvez agora esteja. [...] então, a leitura das mulheres negras contribui muito para o empoderamento das mulheres negras, porque a gente consegue se ver. Então, tu lê e tu vê a tua história, a história da tua mãe, e tu consegue se sentir pertencente. Isso também na questão dos espaços. Dos espaços estarem mais negros também (Tereza de Benguela).

Trazendo a minha trajetória escolar novamente aqui pro debate, isso não foi discutido durante o meu ensino fundamental, não foi discutido no meu ensino médio, no cursinho começou a ser discutido um pouco, assim, trazer um pouco essas teóricas: bá, existe aquela pessoa, sabe? Existe aquela pessoa lá que fala sobre isso, mas novamente eu reforço que o ensino superior está me dando acesso a pensar sobre essas coisas, acerca de feminismo, acerca de racismo, então agora eu consigo enxergar que o feminismo negro contribuiu para o empoderamento das mulheres negras (Aqualtune).

Ambas relatam a ausência dessas discussões durante o ensino básico, fator esse que as fizeram desconhecer o movimento como um todo durante a maior parte de suas vidas. O ingresso na universidade proporcionou para elas o acesso a leituras e discussões que as fizeram mergulhar dentro do feminismo negro, assim como foi tida a compreensão de que ele é importante para o entendimento e transformação na vida das mulheres negras. Tereza de Benguela salienta o quanto é significativo ler autoras negras na medida que nos permite nos identificarmos com suas narrativas, assim como foi relevante seu apontamento de que o feminismo negro por muito tempo ficou restrito aos debates universitários e isso nos permite compreender o porquê esses debates não atingiram a educação básica. Aqualtune ao trazer sua trajetória escolar complementa a fala da participante anterior, dado que o acesso as pautas feministas, sobretudo o feminismo negro, lhe permitiu um maior entendimento sobre o feminismo e ao racismo, contribuindo para seu crescimento pessoal e intelectual.

O empoderamento também é demarcado nas questões estéticas, pois entre as falas das participantes, a questão do cabelo foi bem pautada. Comentários negativos de cunho racista sobre o cabelo crespo e cacheado, assim como demais traços negros afetam imensamente a autoestima das mulheres negras, as quais passam por uma fase de não aceitação e acabam cedendo às pressões estéticas para serem mais aceitas socialmente, ou seja, ter cabelo liso e nariz fino. Sendo assim, Pimentel & Silva (2022) corroboram para a discussão quando versam que muitas pessoas negras, na busca por



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

uma falsa ideia de aceitação social, acabam se submetendo ao padrão de beleza branco. Entretanto, com disseminação do feminismo negro através de livros, vídeos do *YouTube* e postagens em *blogs*, permitiu uma ressignificação paulatina acerca da aceitação de suas características próprias, as vendo como bonitas. Nesse sentido, o feminismo negro além de empoderar as mulheres negras, também promove a sororidade entre elas, uma vez que é estabelecido uma rede de apoio as faz empoderar-se coletivamente.

Através da questão “há alguma referência de mulher negra para você? Se sim, qual e por quê?”, ambas as participantes trouxeram o exemplo de mulheres negras que elas admiram e que são ou foram do seu convívio, assim como foi trazida um exemplo de uma intelectual negra. A imagem de uma professora, principalmente, sendo uma professora negra, traz toda uma carga de representatividade, de respeito e de empoderamento para as alunas negras nos desdobramentos do seu percurso escolar. Infelizmente, há poucas professoras negras nas instituições de ensino e isso é percebido na fala de uma das entrevistadas quando ela aborda sua primeira referência de mulher negra:

A Bell Hooks, maravilhosa! É uma referência para mim, por quê? Primeiro, mulher negra; segundo, professora. Então, para mim, ela é uma referência porquê... aí eu não quero chorar, não queria demonstrar tanta emoção, mas eu durante a minha infância, eu não tive referências de mulheres negras professoras e por muito tempo eu pensei que eu nunca... assim: ah! Quero ser professora... acho que quando a gente criança a gente pensa em umas coisas assim, tipo: poxa, eu quero ser astronauta porque eu quero viajar para Saturno. E por mais que eu já demonstrasse uma certa afeição pelo ensino, de ensinar ali os meus colegas, de gostar de estar na escola, eu acho que nunca me passou pela minha cabeça ser professora porque eu não tinha referência (Aqualtune).

A partir do exposto, a professora Bell Hooks que também foi uma importantíssima intelectual negra, teórica feminista e escritora assumiu um papel de referência para a participante, principalmente, por ser a representatividade de uma professora e mulher negra que ela não teve ao longo da sua trajetória no ensino fundamental. A inexistência de professoras negras, como podemos observar na fala de Aqualtune, a fez se distanciar do desejo de ser professora na medida que em seu dia a dia não via uma mulher negra na posição de professora. Lopes & Gonçalves (2022) colaboram com a afirmação anterior quando discutem que a representatividade de



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

professores negros decresce ainda mais no ambiente universitário, evidenciando que quanto maior o grau de escolaridade, há menos pessoas pretas. Isso nos reafirma, novamente, que a presença de mulheres negras não somente no papel de professora, mas também em outras profissões de prestígio social faz totalmente a diferença para as outras mulheres negras que estão as observando e veem nelas a perspectiva: “eu também posso ser assim”; diante disso, nos é dito que:

Para mim foi um grande divisor de águas quando a professora de português, ela veio se aposentar quando eu cheguei na minha antiga oitava série, e daí ficou aquela coisa: nossa, quem é que vai dar português para nossa turma? E daí passou uma semana, quem é professora? E de repente a professora nova apareceu na porta da sala, deu bom dia para nós e disse que seria a nossa nova professora de português, naquele momento eu me lembro da minha reação até hoje: meu Deus! Sabe? Olha a figura dessa pessoa, ela é igual a mim, ela tem a mesma cor da minha pele e ela é professora, eu posso ser também! Então me veio aquela coisa que eu não vou dizer que eu já tinha certeza, mas já tinha aquela coisa: bá, eu gosto de escola, gosto de estar na escola, gosto de estudar, gosto de ensinar, mas olha só, eu também posso ser como ela. Pra mim foi uma das mulheres negras próxima de mim nessa questão da educação que demarcou minha vida porque eu olhei pra ela e me vi como igual e vi que eu poderia ser também (Aqaltune).

Percebemos, a partir do trecho, o quanto a representatividade de pessoas negras é significativa para inspirar as outras pessoas que também são negras. Quando a professora de Português se apresentou para a participante, ela se sentiu representada e ao mesmo tempo aumentou sua vontade de ser professora também, justamente pelo impacto de ver uma mulher negra nesta posição.

Para muitas pessoas a figura materna é muito importante, pois além de ser uma pessoa especial na nossa vida, ela também foi o nosso primeiro contato com outro alguém no mundo, bem como nos cuidou e nos instruiu a sermos pessoas de sucesso, assim como nossa primeira casa foi no corpo dela. Em vista disso, a entrevistada nos diz que:

Então, quando ela me conta essas histórias, tipo, eu não passei por essas coisas assim, sabe? Mas eu fico muito tocada, porque ela teve que trabalhar criança na casa de uma pessoa e sempre teve que lutar muito pra conseguir estudar, então estudar sempre foi uma coisa mais difícil do que é pra mim hoje. Então, pra mim, ela fez... quando eu nasci, ela já tinha passado num concurso público, então ela já era municipal. Então, ela já tinha uma estrutura um pouco melhor



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

e eu nunca passei pelas dificuldades que ela passou. Ela já passou por fome, frio, todas essas coisas, porque eram nove irmãos. Então, pra mim, ela é a maior referência de feminismo, tanto que ela é mãe solteira, a gente entra um pouco na questão do abandono da mulher negra... E a gente tem uma relação muito boa juntas, de mãe e filha e pra mim ela é a mulher, assim, tipo um exemplo de luta, de força. E ela representa tudo, eu queria ter 10% da força que ela tem, porque eu fico assim: como que conseguiu? (Tereza de Benguela).

Nesse recorte, observamos o quanto a mãe da entrevistada é a principal referência de mulher negra para ela, visto que a história de vida da mãe é uma fonte de inspiração e força. Dentre os relatos que Tereza de Benguela nos trouxe, também é importante ressaltar o quanto a mãe dela valorizava a educação, assim como sempre deixou claro que queria que a filha valorizasse e usufrísse desse acesso.

Considerações Finais

O campo de pesquisa das juventudes demonstra-se uma área muito importante, pois é possível compreendermos a partir dela como os jovens se manifestam na sociedade contemporânea. A heterogeneidade é um elemento essencial para entendermos as juventudes, visto que há inúmeras diferenças que as tornam singulares e, deste modo, evidenciam as disparidades de ser e estar jovem no mundo. Na realidade brasileira, ser um jovem negro é um desafio em razão do racismo estrutural, o qual limita os acessos desses indivíduos no setor educacional, profissional e da saúde. Nesse sentido, as políticas públicas e as ações afirmativas foram essenciais, visto que possibilitaram para as juventudes negras a sua inclusão nos espaços citados anteriormente, promovendo uma justiça social e combate ao racismo.

Outro ponto importante de se pensar nesta pesquisa foi o feminismo, que é um movimento político e social que amplia ainda mais as discussões de gênero, visto que a luta contra a opressão patriarcal visa promover a igualdade, além de oportunizar a sororidade e o empoderamento entre as mulheres. O feminismo negro, por sua vez, surge da necessidade de incluir as pautas raciais que por muito tempo foram negligenciadas dentro do movimento feminista. Nesse sentido, as discussões desse campo demonstram-se muito significativas, pois buscam estabelecer a igualdade entre



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

homens e mulheres na sociedade, ao passo que abrem portas para se cruzar outras questões correlatas, como a raça e classe social.

Tratando-se da temática das questões raciais, observamos o quanto é relevante percebermos o quanto o racismo ainda é uma realidade na vida das populações negras no Brasil. Ao longo de nossa história, o escravismo, a eugenia, e todas as políticas públicas segregatórias e violentas à população negra, deixaram profundas marcas em nossa sociedade; ao termos esse entendimento histórico e social, fica evidente que para combater de fato esse tipo de preconceito é necessário o envolvimento de todos os indivíduos e, portanto, é uma luta coletiva por justiça e igualdade social. Por outra perspectiva, a representatividade de mulheres negras e de homens negros em diferentes profissões de prestígio social, bem como ocupando espaços que antes a sua ausência era perceptível é muito significativo, uma vez que inspira outras pessoas negras que estão observando-lhes, além de também romper com estereótipos dos traços negros.

Ser jovem, para as entrevistadas, além de ser um período de descobertas sobre si mesmo e das relações que os cercam, também é um momento no qual as dúvidas e as inseguranças emergem, visto que não há garantias suficientes do que pode vir a acontecer; bem como o estudo e o aprendizado são ações que acompanham os indivíduos nos desdobramentos das suas juventudes. A heterogeneidade, por sua vez, demarca os diferentes modos de ser jovem na sociedade e isso dialoga diretamente com as falas das participantes e do aporte teórico quando evidenciam a pluralidade de suas manifestações.

Os desafios que envolvem ser uma estudante mulher se dá a partir dos aspectos institucionais e sociais, os quais envolvem a reprodução do machismo em várias frentes. Além disso, a falta de voz evidenciada pelas participantes também é considerada uma desigualdade de gênero, pois em ambientes predominantemente masculinos, as mulheres muitas vezes sofrem ações de *manterrupting e mansplaining*. Da perspectiva da contribuição do feminismo negro para o empoderamento das mulheres negras, foi apontado que o consumo de obras desenvolvidos por essas mulheres é muito relevante



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

para suas compreensões pessoais e interpessoais, assim como possibilitou a ressignificação das características estéticas dessas mulheres.

Como referências de mulheres negras, foram apontadas as figuras da professora e da mãe, sendo estas pessoas exemplos de representatividade, força e empoderamento para as jovens entrevistadas, além de moldarem as suas trajetórias de vida. O ingresso na universidade também foi muito positivo, pois foi possibilitado uma melhor compreensão acerca das discussões das questões que envolviam o feminismo negro.

Este estudo nos permite pensar em novas dimensões a serem investigadas, proporcionando um maior aprofundamento nos três eixos temáticos que foram trabalhados, tanto de forma agrupada como em estudos contendo somente um dos eixos. Levantando em consideração que a pesquisa foi desenvolvida no ambiente universitário, mais especificamente durante a graduação, seria possível explorar as trajetórias das jovens mulheres negras nos programas de pós-graduação, focando em um estado específico ou em uma região do Brasil. Esse direcionamento poderia proporcionar reflexões significativas sobre as experiências acadêmicas, os desafios e as conquistas as que as mulheres negras tiveram, contribuindo para um entendimento mais profundo acerca das intersecções entre juventudes, gênero e raça atrelados, ou não com a educação, em contextos específicos, bem como contribuindo para uma sociedade mais igualitária para todas as mulheres, principalmente para as mulheres negras.

Referências

Almeida, Sílvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa edições, 1977.

Brasil. [Lei nº 12.852](#), de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 05 ago. 2013.

Carneiro, Sueli. Mulheres em movimento: contribuições do feminismo negro. *In*: Hollanda, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

Colômbia. [Ley 1622](#), del 29 del abril del 2013. Por medio de la cual se expide el estatuto de ciudadanía juvenil y se dictan otras disposiciones. **Función Pública**, Bogotá, 29 abr. 2013..

Davis, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dencker, Ada de Freitas M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. 4. ed. São Paulo: Futura, 2000.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas S.A. 2008.

Gomes, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727-744, 2012.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo-afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Hooks, Bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Hooks, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luiza Libânio. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2018.

Imjuve. [Políticas de Operación](#). Secretaría de Desarrollo Social, México, 2014.

Lemos, Flávia Cristina Silveira; AQUIME, Rafele Habib Souza; FRANCO, Ana Caraloina Farias; PIANI, Pedro Paulo Freire. O extermínio de jovens negros pobres no Brasil: práticas biopolíticas em questão. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 1, p. 164-176, 2017.

Lopes, Beatriz Gouvea & Gonçalves, Josiane Peres. Oh, aqui também a gente está chegando!" Professoras negras e representatividade racial na universidade. **Revista Educação, Ciência e Cultura**, v. 27, n. 1, p. 1-19, 2022.

Mbembe, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Moura, Bruna de & Gomes, Marquiana de Freitas Vilas Boas. A valorização no ensino de Geografia das práticas socioespaciais dos jovens na cidade. **Boletim de Geografia**, v. 40, p. 263-276, 2022.



Ser jovem, mulher e negra: entrecruzamentos e identidade

Gabriela Borba Bispo dos Santos Victor Hugo Nedel Oliveira

Oliveira, Victor Hugo Nedel. **Somos jovens**: o ensino de Geografia e a escuta das juventudes. Dissertação (Mestrado em Geografia), Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

Oliveira, Victor Hugo Nedel; & Santos, Andreia Mendes dos. Juventudes contemporâneas e a pandemia da Covid-19: constituindo novas formas de ser e estar jovem. **Revista Hominum**, v. 20, n. 1, p. 148-155, 2015.

Oliveira, Raquel Pompeia Teixeira de Melo. **Violências contra mulher no contexto profissional de professoras de línguas**: crenças e emoções. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras), Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2023.

ONU BR. [Adolescência, juventude e redução da maioridade penal](#). Brasília: **Nações Unidas no Brasil**, 2015.

Pais, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

Pimentel, Sâmia Maírla Viana *& Silva, David Junior de Souza. Resistência e liderança da mulher negra: um estudo na comunidade quilombola São José de Icatú em Mocajuba-PA. **Nova Revista Amazônica**, v. 10, n. 01, p. 161-175, 2022. D

Rocha, Simone. **Eugenia no Brasil**: análise do discurso “científico” no Boletim de Eugenia: 1929-1933. 2010. Tese (Doutorado em História da Ciência), São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

Silva, Joselina da & Euclides, Maria Simone. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educar em Revista**, v. 34, n. 70, p. 51-66, 2018.

Souza, Ana Lucia Nunes de *et al.* Professoras negras na pós-graduação em saúde: entre racismo estrutural e a feminização do cuidado. **Saúde em Debate**, v. 45, n. 1, p. 13-26, 2021.

UNESCO. [Políticas públicas de/para/com as juventudes](#). Brasília: **UNESCO**, 2004.

Vieira, Cristina Pereira. Prefácio – falas sobre as juventudes, em tempos de pandemia: introdução ao discurso. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (Org.). **Dialogando sobre juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE/UFRGS, 2022.